

Uma turma que vive de viajar

As incríveis histórias do casal Amyr e Marina Klink e de suas três filhas – uma família que navega e prospera unida, compartilhando o aprendizado de suas expedições pelo mundo

Por Andres Vera

A família Klink é conhecida pelas expedições no mar, mas também tem seus passatempos em terra. Um deles está no gramado da casa que possuem em São Paulo, no bairro de Moema, onde vivem construindo e desconstruindo domos geodésicas – complexas estruturas geométricas que lembram uma grande cúpula. O domo dos Klinks tem mais de 3 mil hastes de alumínio e alcança 16 m de altura, o equivalente a um pequeno sobrado. Quem entra pela porta da frente da casa pode vê-lo logo a partir da sala enviaçada, como uma nave alienígena aterrissada no jardim. É com essa vista que a família costuma receber os amigos.

“O domo não serve para nada, na verdade. É decorativo”, diz Amyr, que eventualmente arrisca ali alguma escalada na companhia da mulher, Marina, e das filhas Tamara, Laura e Marininha. As meninas não escondem o riso na hora de explicar a estranhos o “experimento matemático inútil” do pai. O domo já causou celeuma entre os vizinhos, que acusaram os Klinks de levantar uma construção ilegal no quintal. “Chegaram até a acionar a prefeitura”, diz Marina. As mulheres da casa, no entanto,



A partir da esquerda: Marina, a mãe, as filhas Laura, Marininha, Tamara e o pai, Amyr, na Antártida – suas histórias conquistaram todo o Brasil

ADRIENESCOTT



FOTOS: MARINA KLINK

têm orgulho unânime das “inutilidades” de Amyr. Foi a partir de uma delas, atravessar o Atlântico a remo, há três décadas, que ele se tornou o explorador dos oceanos mais conhecido do Brasil.

“O que diferencia o ser humano do bicho é o prazer pela inutilidade”, gosta de dizer Amyr, citando uma frase do remador francês Gerard d’Aboville, seu grande inspirador, que cruzou o Atlântico Norte em 1980 em uma tra-

vessia de 74 dias. Amyr, em 1984, levaria 101 dias para cruzar o Atlântico Sul, remando da África ao Brasil. Tinha apenas 29 anos, uma carreira duvidosa de economista e imensa paixão pelo mar. A saga virou o best-seller *Cem Dias entre Céu e Mar* e o resto de sua história é história: viajou mais de 40 vezes à Antártida, concluiu uma circunavegação épica entre Paraty, sua base no litoral do Rio de Janeiro, e os polos Norte e Sul, tornou-se especialista



Na página oposta, Amyr no domo geodésico que ergueu em sua casa em São Paulo; pai e filhas em uma de suas expedições polares; e as meninas em um bote. O veleiro *Paratii-2* (foto maior) é uma segunda casa para elas



As irmãs Klink durante uma das 50 palestras que realizam a cada ano. Seu livro foi adotado em mais de 40 escolas paulistas

na construção dos próprios barcos, publicou sete outros livros e colheu a fama digna dos exploradores. Entre uma aventura e outra, casou-se com Marina e teve três filhas. É seu time de fiéis escudeiras – a quem ele aconselha e com quem também diz aprender muito.

Marina, por exemplo, promotora de eventos e relações públicas, só se transformou em fotógrafa profissional depois de uma bronca do marido. O casal viajava pela Antártida em 2009. Marina estava no mastro do barco *Paratii* para fotografar a paisagem. Amyr, compenetrado, pediu que ela descesse. Marina se recusou. Esperava uma nuvem se afastar, em busca do melhor enquadramento. Amyr insistiu. “Então ele foi cruel. Perguntou o que eu fazia ali se as minhas fotos não serviam para nada”, diz. Marina segurou o choro. Ela, que fotografava desde sempre e já havia até ilustrado livros do marido. O que faltava, senão o desafio? Em 2013, a promotora de eventos publicou sua primeira

obra autoral, *Antártica, a Última Fronteira*, e deu início a uma série de exposições e palestras.

A mesma lição aprenderam as gêmeas Tamara e Laura, de 18 anos, e Marininha, de 15 anos. Dessa vez sem bronca – e para a surpresa de Amyr. As meninas viajaram à Antártida com a família, pela primeira vez, há quase dez anos. Depois de cinco visitas ao continente gelado, publicaram as experiências no livro *Férias na Antártica*. Só contaram a Amyr quando o contrato com a editora estava fechado. “Fiquei orgulhoso quando vi. E não ajudei em nada. Deixei elas sofrerem”, diz o navegador, em uma referência à sua dificuldade em escrever seu livro de estreia (“Foi mais difícil do que cruzar o Atlântico a remo”, diz ele). Hoje, o diário de viagem das irmãs Klink é adotado em mais de 40 escolas de São Paulo e rende às meninas mais de 50 palestras por ano pelo País. Elas se apresentam em trio ou ao lado dos pais.



No alto, as anotações que mais tarde viram narrativas. Marina, que se tornou fotógrafa por insistência de Amyr, e as meninas pequenas, na praia, vendo o barco do pai

“Uma viagem de barco ensina muita coisa. Você aprende a viver com o pouco que a natureza oferece. E, quando você aceita esse pouco, ele traz muita alegria”, diz Amyr

“Foi surpreendente o livro das meninas cair no gosto dos educadores”, diz Marina. Ela se lembra da dificuldade em convencer a escola a liberar as meninas. Como as temporadas da família Klink na Antártida costumam durar três meses ou mais, a viagem poderia comprometer o ano letivo. A solução foi prometer aos professores que Marina aplicaria trabalhos periódicos às filhas, em pleno barco. Os alunos e professores também poderiam acompanhá-las em tempo real. “Aquilo fez a classe inteira discutir a importância da preservação de animais marinhos”, diz Laura. Comunicativas e boas contadoras de história, as meninas não se acham diferentes de ninguém da turma. “Nós só não gostamos de viagens em que as pessoas só pensam em compras”, diz Marininha. As meninas não conhecem a Disney, por exemplo. O respeito ao meio ambiente e a negação do consumismo são dois valores que a família Klink gostaria de transmitir às futuras gerações. “Uma viagem de barco ensina muita coisa. Você aprende a viver com o pouco que a natureza oferece. E, quando você aceita esse pouco, ele traz muita alegria”, diz Amyr. É a opinião singela de quem passou mais de 100 dias completamente solitário no oceano, em um barco de 6 m, sem vela nem motor, apelidado carinhosamente de *Lâmpada Flutuante*. Uma “inutilidade” que virou lição para a vida toda. ■